



CASAMENTOS DE LONGA DURAÇÃO E DISFUNÇÃO SEXUAL MASCULINA: UM ESTUDO DE CASOS MÚLTIPLOS

ROSIER, Mirna Veloso

Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea
mirosier@hotmail.com

ALCÂNTARA, Miriã Alves Ramos

Professor do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea
miria.alcantara@gmail.com

734

RESUMO

O presente estudo aborda a temática da sexualidade no casamento contemporâneo, através da análise de uniões de longa duração nas quais o cônjuge masculino possui disfunção sexual. A literatura a esse respeito trabalha com o conceito de satisfação conjugal com foco na avaliação pessoal, apesar de a observação revelar inúmeros casais que mantêm sua união mesmo com queixas de insatisfação sexual. No intuito de explorar a dinâmica conjugal desses casais, pretende-se entrevistar cinco pares que tenham procurado psicoterapia com queixa de insatisfação sexual, selecionados com base nos seguintes critérios de inclusão: casal heterossexual; possuir queixa de insatisfação sexual com disfunção masculina; possuir cerca de dez anos de relacionamento; possuir filhos; nível socioeducacional médio. A pesquisa segue os requisitos éticos da pesquisa com seres humanos e pressupõe que a coleta de informações se dará apenas mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. As entrevistas em profundidade ocorrerão a partir de um temário especialmente criado para esta investigação que versa sobre história conjugal e sexual do casal; avaliação da conjugalidade e expectativas quanto ao futuro. Pretende-se apresentar os resultados sob a forma de estudos de casos múltiplos, a fim de discutir a conjugalidade, papéis desempenhados, o relacionamento sexual no casamento e a satisfação conjugal. Essa discussão tomará como base a visão masculina e feminina em relação à temática, fazendo uma análise investigativa dos dados obtidos com a literatura nacional e internacional.

Palavra-chave: Conjugalidade; disfunção sexual; casamento de longa duração, satisfação conjugal.

ABSTRACT

This study addresses the issue of sexuality in contemporary wedding, through the analysis of long-term marriages in which the male partner has sexual dysfunction. The literature on this work with the concept of marital satisfaction with a focus on personal assessment, despite the observation reveal numerous couples maintain their marriage even with complaints of sexual dissatisfaction. In order to explore the dynamics of married couples, we intend to interview five pairs who have sought psychotherapy complaining of sexual dissatisfaction, selected based on the following inclusion criteria: heterosexual couple; have complaints of sexual dissatisfaction with male dysfunction; has about ten years of relationship; have children; middle social and educational level. The research follows the ethical requirements of research with humans and assumes that the data collection will occur only upon signing the consent form. The in-depth interviews will occur from a syllabus specially created for this research deals with marital and sexual history of the couple; assessment of marital and expectations about the future. It seeks to present the results in the form of multiple case studies in order to discuss the conjugal, played roles, the sexual relationship in marriage and marital satisfaction. This discussion will be based on male and female insight with regard to themes, doing an investigative analysis of data obtained from the national and international literature.

Keyword: Conjugal; sexual dysfunction; long marriage, marital satisfaction.



1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo analisar uniões heterossexuais de longa duração nas quais o cônjuge masculino apresenta disfunção sexual. A dinâmica do casal sofre influência de diversos eventos do ciclo de vida como a inserção no mercado de trabalho, nascimento dos filhos, relação com a família de origem, rede de apoio, dentre outros. Alguns casais interagem com tais eventos e direcionam a vida familiar criando uma unidade conjugal que promove uma relação duradoura. De modo mais ou menos intencional, dentro desta unidade, cada cônjuge avalia como estas dimensões impactam sobre a própria vida.

A família que se constitui na pós-modernidade é marcada pela transformação dos papéis tradicionais atribuídos aos gêneros. O processo de construção dos papéis sociais masculinos e femininos sofre o impacto das mudanças nas relações e nos papéis exercidos pelo homem e pela mulher, em função de forças de natureza sociopolítica que direcionaram o ocidente ao modelo socioeconômico fundado na lógica de mercado que tem na indústria, na produção e na comercialização de bens e serviços seus principais motores. Este processo compeliu a mulher a entrar no mercado de trabalho, no período entre guerras, o que aliado aos avanços da tecnologia, da medicina e de mudanças em diversas áreas do comportamento culminou com a revolução sexual. Maior equilíbrio na relação entre homens e mulheres significou para vida familiar a transformação não apenas das responsabilidades cotidianas, mas principalmente, do nível de satisfação entre os cônjuges.

Em seu estudo sobre a vida sexual do brasileiro, Abdo (2004) pressupõe que a atividade sexual é favorável a harmonia do casal e que entre homens e mulheres brasileiros, cerca de 96% tendem a considerar o sexo muito, e geralmente, importante. Ainda seguindo os registros da autora, a disfunção erétil, definida como incapacidade de obter e/ou manter ereção suficiente para o término do ato sexual com satisfação é apresentada por 45,1% dos homens brasileiros, relatam que a apresentam em algum grau, sendo ele primário, secundário e situacional.¹ Estes atores sociais, referem

¹ Conceitos do DSM IV onde primário (dificuldades sexuais desde a sua primeira relação sexual), secundário (início de vida sexual sem significativas complicações e em seguida aparecimento de complicações) e situacional (as dificuldades sexuais acontecem em um determinado contexto e em outros não).



prejuízos como redução do amor próprio (37,8%) e baixa autoestima (30%) tendo como queixa a interferência no relacionamento conjugal com a parceira.

A literatura médica apresenta os recortes teóricos de Masters e Johnson (1984) e de Kaplan (1977), para conceituar disfunção sexual. Ambos estabeleceram critérios diagnósticos para os transtornos da sexualidade, os quais constam do “Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais” (2002), que definiu a resposta sexual saudável como um conjunto de quatro etapas sucessivas: desejo, excitação, orgasmo e resolução. A disfunção caracteriza-se como quadro clínico de falta, excesso, desconforto e/ou dor na expressão ou desenvolvimento da relação sexual. Ela manifesta-se durante o ato sexual de forma persistente ou recorrente. Entre os homens as mais frequentes são a disfunção erétil (incapacidade de manter o pênis ereto pelo tempo desejado ou até conseguir uma relação sexual satisfatória) e a ejaculação rápida (déficit do controle voluntário sobre a ejaculação). (ABDO, 2000) Embora relacione a disfunção sexual a aspectos psicológicos, sociais e culturais, a abordagem que prevalece é a da medicalização.

Na perspectiva de compreender esse fenômeno que termina por impulsionar a colisão de forças entre o protagonismo do homem e da mulher, justifica-se esta investigação, em que o lugar de construção de sentido dos homens e das mulheres alterna-se e desloca-se revelando diferenças e conflitos que impactam nas tradicionais relações de poder entre ambos com reflexos na própria dinâmica do casal. Este panorama revela que os casais experimentam níveis gradativos de satisfação no convívio com o outro, os quais podem influenciar na decisão pela ruptura do vínculo conjugal ou pela sua continuidade.

Diversos autores atribuem a permanência no casamento de longa duração à satisfação ou felicidade que cada cônjuge sente com a relação. Dentre os conceitos mais estudados sobre o assunto, a satisfação conjugal está definida segundo a avaliação subjetiva dos cônjuges acerca da sua constituição enquanto casal (NORGREN et al, 2004; MOSMANN; WAGNER; FERES-CARNEIRO, 2006; DELA COLETA, 1992; MIRANDA, 1987). Embora não haja um consenso em torno deste conceito, a literatura refere dimensões pessoais, de natureza subjetiva, a exemplo da personalidade, como principal elemento que diferencia casais satisfeitos de insatisfeitos, no que Gottman chama de efeito halo. O cônjuge satisfeito é aquele que reconhece o predomínio de



características positivas em seu *partner*. (GOTTMAN,) ... Mosmann, (2006) afirma que o casamento durável e de qualidade relaciona-se à capacidade dos cônjuges de comparar aspectos satisfatórios como segurança emocional, realização sexual e formação de uma família com questões desafiadoras como problemas financeiros, preconceitos sociais e religiosos.

No entanto, os autores referem a influência de dimensões mais amplas sobre a definição de satisfação conjugal como sexo, valores, necessidades, presença de filhos, nível de escolaridade, nível socioeconômico, trabalho remunerado, família de origem e reconhecem seu impacto sobre o bem estar dos cônjuges e seus filhos, saúde física do casal, personalidade, variáveis sociodemográficas, depressão, transformações no ciclo de vida familiar como gestação, parto e transição para a parentalidade. Do mesmo modo, as pesquisas que trabalham com o conceito de satisfação sexual apresentam definições variadas, com foco no aspecto psicológico das disfunções sexuais. Nesta vertente, a atividade sexual satisfatória é aquela que corresponde às expectativas, pois o sentimento de satisfação sexual decorre da avaliação da experiência sexual anterior, atual e da expectativa quanto ao futuro, o que implica em considerar a presença de componentes pessoais e interpessoais nesta avaliação. A satisfação sexual abrange a frequência e as práticas sexuais adotadas juntamente com o sentimento que nasce do relacionamento com a parceria conjugal. Portanto, nem sempre o foco na satisfação conjugal e sexual é o mais apropriado para compreender a conjugalidade em casais com disfunção sexual. Apesar da ampla produção de estudos voltados para dimensões da vida conjugal e sexual, investigações mais aprofundadas sobre essas temáticas articuladas à teoria seriam úteis para ultrapassar os limites da discussão em torno do conceito de satisfação, especialmente nos casos em que a conjugalidade se mantém diante de uma queixa explícita de insatisfação. (PECHORRO, 2006)

Diante da diversidade de comportamento e das expressões da sexualidade podemos encontrar pessoas insatisfeitas com sua vida sexual, mesmo que não apresentem qualquer disfunção sexual, por não se sentirem atraídas pelo companheiro ou porque não reconhecem o sentido da união e, conseqüentemente, experimentem indiferença e distanciamento do cônjuge e da relação sexual. Em outros casos, há pessoas satisfeitas com suas vidas sexuais mesmo diante de uma disfunção sexual, pois não conhecem uma prática sexual mais funcional ou porque atribuem maior peso a



outros aspectos da vida conjugal e sexual. A avaliação da sexualidade humana está longe de retratar inteiramente a vida sexual dado estar carregada de simbolismos. (PECHORRO, 2006)

O interesse por pesquisar o tema surgiu na minha trajetória profissional ainda durante a graduação quando fui aluna da prof.^a Dr.^a. Giovana Perlin em disciplinas que tinham por objetivo discutir assuntos relacionados à conjugalidade e sexualidade. Ainda na formação estagiei com o Ms. Oswaldo Rodrigues no Instituto Paulista de Sexualidade (INPASEX) e durante o período de um mês e meio discutimos casos tendo como queixa principal alguma disfunção sexual. A partir desta experiência escrevemos o artigo “*Desejo sexual: dificuldades e ponderações sobre queixas em consultórios de sexologia.*” publicado na Revista Terapia Sexual – Clínica – Pesquisa e Aspectos Psicossociais. Vol. VI (1), 2003. Editores: Oswaldo M. Rodrigues Jr. – Ângelo A. Monesi. Iglu Editora. Ao terminar a minha graduação, conclui a Formação em Terapia de Família e Casal pelo Instituto Sistemas Humanos em SP com apresentação do artigo “*Sexo, Poder e Conjugalidade.*”, em concomitante realizei um Curso de Especialização em Sexualidade Humana pela Faculdade de Medicina de São Paulo – USP, na qual defendi a monografia: “*Comportamentos Parafilicos na Internet.*” Durante este período dediquei-me ao atendimento de pacientes com disfunção sexual no Espaço Saúde Sexual (ESPASEX) e Projeto Sexualidade (PROSEX) ambos ligados à Faculdade de Medicina de São Paulo (USP) e ao Instituto Psiquiátrico da USP (IPQ), coordenados pela prof.^a Dr.^a Carmita Abdo. No ESPASEX, atuei esclarecendo dúvidas sobre sexualidade através de uma linha 0800 que tinha por objetivo registrar as principais demandas para desenvolvimento de trabalhos e pesquisas. O PROSEX possui um formato de atendimento multidisciplinar envolvendo diversos profissionais e um objetivo comum: cuidar dos indivíduos com queixa sexual dentre as disfunções sexuais, transtornos de identidade e parafilias.

Ao buscar aliar o percurso profissional à família, identifiquei o tema da conjugalidade como um contexto propício para investigação. Em revisão da produção do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador no banco de teses e dissertações, acessei algumas pesquisas cujo foco converge com o presente estudo: Maria Angêla Teixeira “*A influência do desejo de unidade nas relações conjugais*” (2005); Vinícius Farani López



“*Vínculo conjugal: entre o individualismo e a busca pelo outro – Um Estudo Qualitativo.*” (2008); Francisco Nacelio Maciel “*Conjugalidade: individuação e pertencimento em casais de movimento católico.*” (2008); Marlene Brito de Jesus Pereira “*Gênero como variante do micro poder familiar*” (2010); Susana Maria Levien Grillo “*Conjugalidade em mulheres da camada popular*” (2011); Juliana Orrico Viana Vilar “*Sexualidade do casal de classe média na gestação e no pós-parto sob a ótica feminina.*” (2011); e Clarissa Fontes Fontoura “*Família Cuidado e Educação de filhos: concepções e práticas de mães inseridas e não inseridas no mercado de trabalho – estudo de caso múltiplo.*” (2014). A contribuição do Programa compõe o estado da arte juntamente com a produção de grupos de pesquisa nacionais e internacionais divulgados em periódicos especializados.

Sobre a arrecadação de material para este trabalho foram utilizadas 4 (quatro) palavras chaves sendo elas: conjugalidade, casamento de longa duração, satisfação conjugal e disfunção sexual no sistema Capes de periódicos. Ao fazer a busca utilizando-se como palavras chave conjugalidade e casamento de longa duração apareceram 8 (oito) artigos sendo úteis para o recorte do trabalho apenas 3 (três) que abordavam o olhar sobre a dinâmica conjugal, ajuste conjugal e revisão nacional sobre conjugalidade. Ao relacionar conjugalidade com satisfação conjugal aparecem 37 (trinta e sete) em sua maioria teses e dissertações de Portugal, dentre as quais 12 (doze) foram selecionados por apresentar relação direta com o tema da dissertação relacionando a satisfação conjugal com alguns eventos do ciclo de vida desses indivíduos como: família de origem, nascimento dos filhos, diferença entre os sexos, escolaridade e trabalho. Com os descritores conjugalidade e disfunção sexual apareceram 4 (quatro) itens, 1 (um) livro e 2 (dois) artigos já selecionados na busca anterior que abrangem as dinâmicas relacionais da conjugalidade. Os termos casamento de longa duração e satisfação conjugal deram acesso a 16 (dezesesseis) artigos, dentre os 14 (quatorze) não preenchiam os critérios de seleção e outros 2 (dois) haviam sido selecionados anteriormente. A busca orientada pelos termos casamento de longa duração e disfunção sexual dá acesso a 3 (três) artigos tendo sido identificado apenas 1 (um) nos selecionados nas buscas anteriores. Por fim, satisfação conjugal e disfunção sexual são termos que conduziram a 9 (nove) artigos dentre os quais 2 (dois) foram selecionados.

A disfunção sexual é uma terminologia médica que foi absorvida por outras áreas profissionais, dentre elas a psicologia. Por se tratar de algo muito específico a



pesquisadora fez uma busca utilizando-se como palavra chave disfunções sexuais masculinas, incluindo na busca a especificidade sobre o tema que abrange o universo do homem. Aparecem 28 (vinte oito) trabalhos científicos, 7 (sete) pré selecionados que abordam questões sobre a psicologia, medicina, sexologia clínica, medicação e psicoterapia sexual.

OBJETIVO GERAL

Analisar uniões heterossexuais de longa duração nas quais o cônjuge masculino apresenta disfunção sexual.

Objetivos específicos:

- Discutir os conceitos de satisfação sexual e conjugal no âmbito familiar.
- Investigar a influência da sexualidade sobre a vida conjugal.
- Identificar dimensões da vida pessoal e da dinâmica conjugal relacionadas à satisfação e a insatisfação conjugal.

Pergunta de pesquisa:

Quais são as motivações apontadas pelos cônjuges para a permanência ou manutenção do casamento de longa duração mediante uma queixa explícita de insatisfação sexual.

A presente proposta de dissertação possui, além desta introdução, um capítulo de fundamentação teórica que versa sobre família, conjugalidade e exercício de papéis, satisfação conjugal e sexualidade, seguido pelo percurso metodológico e finalmente, pelo estudo de caso piloto.



2. CAPÍTULO PRIMEIRO - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. CONJUGALIDADE

O casamento, leia-se família, caracteriza-se cada vez mais nitidamente como um contrato desejado pelos dois cônjuges, que nele se engajam pessoalmente. Os contratos de casamento fazem o marido e a mulher entrarem em um sistema de deveres e de obrigações que, certamente, não são iguais, mas são compartilhados. (FOUCAULT, 1984)

Para que um casal seja considerado saudável é necessário ter clareza de regras, de papéis e de mensagens. (WALSH, 2002) Por causa da complexidade e ambiguidade da vida contemporânea, os parceiros devem constantemente redefinir e tornar explícitas as suas ideias e expectativas em relação ao casamento, ao companheiro e a si mesmos. Sem clareza e coerência, podem ocorrer muitos mal-entendidos que se somam, produzindo frustrações e conflitos. (ANDOLFI, 2002)

Numa perspectiva histórica, a conjugalidade foi analisada sob o crivo da motivação para união entre os sexos. Retomando a hipótese de Platão apresentada em O Banquete, Musonius (1905) interrogava-se sobre o motivo pelo qual, após ter separado os dois sexos, o criador quis reaproximá-los. Essa reaproximação aconteceu implantando em cada um deles um “violento desejo”, desejo este que é, ao mesmo tempo, de “conjunção” e “união”. O desejo é fundamental e originário do ser humano e se refere tanto a aproximação física quanto ao compartilhar da existência. Esta não é a única hipótese acerca da atração entre os sexos. Outra vertente, analisa a conjugalidade como uma construção sócio-histórica a favor da manutenção do poder entre os gêneros.

Bozon (2003) afirma que os casamentos do sec. XX não dependem mais das negociações entre as famílias, mas da escolha pessoal do cônjuge, que apresenta o sentimento amoroso como a grande razão dessa escolha. As mudanças conjugais contemporâneas traduzem a passagem de uma definição institucional antiga do casamento para uma definição interna e amplamente subjetiva do casal.

Autores contemporâneos identificam no sentimento familiar burguês a origem da ideia de que a energia fundadora de uma relação de casal seria o “sentimento” (que implicam tanto em amor como erotismo). Nos relatos de casais, o sentido de intimidade



emerge nas narrativas e descrições nas quais prevalecem “sentimentos” referidos à proximidade, ao vínculo e a interdependência (emocional e física), dimensões que fizeram com que a épica romântica reivindicasse a intimidade como a essência do amor (ACKERMAN, 1994 apud Fuks, 1999).

Os casais que conseguem reconstruir sua relação parecem ter desenvolvido um recurso criativo: seu “sentido de intimidade” contém o pressuposto de que não se trata de algo definitivo, um “de agora em diante é para sempre”, sendo vivido como uma tarefa cotidiana plena de encontros e desencontros que desenham a relação como algo vivo, sempre em movimento, que não se sustenta na institucionalidade do vínculo, mas sim, em um compromisso renovável (FUKS, 1999).

Para Fuks (1999) a intimidade é uma forma de se referir à curiosa condição humana de fazer espaço para outro dentro de si mesmo, sem perder a possibilidade de reconhecer os riscos que isso implica. A “construção de intimidade” é um dos núcleos mais relevantes entre os que organizam a vivência de “estes somos nós e esse é o nosso mundo”, que caracterizou a identidade relacional amorosa. A experiência de intimidade não é algo específico do relacionamento de casal, já que é possível viver a intimidade no marco de uma amizade ou de relações familiares; o que singulariza o “tipo” de intimidade que o casal constrói é a dimensão passional: o desejo sexual e o erotismo (GIDDENS, 2000 apud FUKS, 1999).

Féres-Carneiro (1998) aponta a aliança e a sexualidade como sendo duas das mais importantes dimensões da vida conjugal. No que se refere à aliança, Levi-Straus (1968) *apud* Féres-Carneiro (1998) *ibidem*, 1998 remete à intervenção do grupo que para manter, proteger, aumentar ou propiciar os bens considerados escassos e essenciais para sobrevivência firmam alianças entre si, sendo a família representada como um agente mantenedor dessa cultura. Assim, a aliança firmada na união conjugal traz consigo essa intenção bem como simboliza socialmente um pacto de compromisso que envolve a fidelidade e o relacionamento íntimo do casal que será o gerador do bem-estar e da formação de uma nova família nuclear.

O desenrolar da vida cotidiana, os aspectos socioambientais, os padrões econômicos, condições de saúde, níveis de exigência e de expectativas de vida e da relação farão com que a aliança firmada entre o casal passe por momentos de



adequações durante toda a relação. Para Singly (1993) *apud* Féres-Carneiro (1998) a relação conjugal vai se manter enquanto for considerada como sendo prazerosa e “útil” para os cônjuges, e o fortalecimento da conjugalidade é feita de concessões entre os parceiros. (Ibdem)

Na idéia do censo comum, no imaginário social, o casal é concebido como sendo um par associado por vínculos afetivos e sexuais de base estável e com compromisso estabelecido, que deseja constituir família, incluindo, se possível, filhos. Segundo Féres-Carneiro e Diniz Neto (2010), a relação conjugal ocorre dentro de um contexto sócio-histórico e também familiar onde, no ato de socialização, são internalizadas ações psicossociais, onde se cria um universo comum e que também são compartilhadas as experiências, pontos de vistas, comportamentos internalizados que vão norteando as escolhas e manifestações mais significativas do casal.

[...] o aspecto de formação da conjugalidade deve ser visto como contínuo e não meramente envolvendo as fases iniciais de engajamento amoroso, pois são os padrões de relacionamento que mantêm a conjugalidade e sua qualidade, ao longo do tempo, permitindo que esta resista às diversas circunstâncias, às mudanças previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida (Féres-Carneiro, 2003; McGoldrick, 1989/1995; Mosmann, Wagner, & Féres-Carneiro, 2006). Por outro lado, a dissolução da conjugalidade é abordada, na perspectiva sistêmica, como um processo no qual os padrões de manutenção da relação são modificados, até o momento em que a relação não pode ser mais definida, pelos cônjuges, ou pelo menos por um deles, como uma relação conjugal. Assim, a ruptura conjugal pode ser catastrófica, no sentido de que o passar do estado no qual os indivíduos são cônjuges, para o estado no qual não mais se definem assim, é abrupto e descontínuo. Porém, esta mudança envolve um longo e doloroso processo que pode durar muitos anos (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010, p.). REVER O TAMANHO.

Na literatura são organizados os estudos relacionados com a dinâmica conjugal partindo de dois eixos: o da satisfação/insatisfação conjugal e o da estabilidade/instabilidade conjugal (FÉRES-CARNEIRO; DINIZ NETO, 2010).

O casamento na modernidade apresenta um estágio onde as relações são marcadas por um aprofundamento do individualismo que funciona como estímulo para a instabilidade do relacionamento íntimo e ocasiona reformulações dos projetos conjugais. (PERLIN, 2006)



Percebe-se que a constituição e a manutenção do casamento contemporâneo são influenciadas pelos valores individuais, pela busca constante da autonomia e da satisfação de cada conjugue. Vale ressaltar que as relações de dependência também favorecem a manutenção de um casamento que apresenta uma disfuncionalidade.

Cigoli e Scabini (2007) apresentam a busca do ideal de casamento dentro de uma dinâmica que envolve tanto os aspectos relacionados à dimensão ética nas relações quanto a dimensão afetiva, que envolve a confiança, os pactos velados, o fortalecimento de vínculos além do processo de idealização, desilusão, construção e reconstrução de um ideal de casal e de casamento que permeia por toda a relação conjugal e que também perpassa pelos contatos com os diferentes núcleos familiares e histórias de vida de cada cônjuge e o tipo de relação estabelecidas com os filhos.

Muitos fatores interferem e interagem na construção e na consolidação bem como na dissolução dos pactos conjugais firmados pelo casal, visto que cada um carrega consigo os seus traços de personalidade, o componente de sua história geracional o que em conjunto com as necessidades, padrão financeiro, desejos e medos vão constituindo a peculiaridade do casal, conferindo-lhe o título de “inédito”. (CIGOLI; SCABINI, 2007)

2.2 SATISFAÇÃO CONJUGAL

Casamento e satisfação se tornaram, ao longo da história do ocidente, interdependentes. Existem diversos trabalhos sobre estas temáticas. Perlin (2006), em sua pesquisa, apresenta uma diversidade de definições para satisfação no casamento. Como satisfação conjugal, satisfação matrimonial, estabilidade matrimonial, qualidade matrimonial, ajuste matrimonial, felicidade matrimonial, sucesso matrimonial, consenso matrimonial, integração matrimonial. A literatura é unanime ao apontar a satisfação no casamento como um fator fundamental na vida de um casal.

A satisfação conjugal é um fenômeno complexo que sofre influencia de diversas variáveis, dentre elas características da personalidade dos cônjuges e as expectativas que eles trazem da sua família de origem e a maneira como eles constroem a relação a dois,



valores, atitudes e necessidades, sexo, presença de filhos, nível de escolaridade, nível socioeconômico, nível cultural, trabalho remunerado e experiência sexual anterior ao matrimônio. O casamento está sujeito a diversas transformações ao longo do ciclo de vida familiar e a satisfação varia com o decorrer dos anos de convívio conjugal sendo necessário se discutir o formato dessas relações contemporâneas. (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin, 2004; Mosmann, Wagner e Feres-Carneiro, 2006; Dela Coleta, 1992; Miranda, 1987)

A ampla utilização do conceito de qualidade conjugal, inclui a falta de clareza conceitual. Mosmann e cols. (2006) em seu trabalho analisa o conceito de qualidade conjugal relacionando com cinco teorias: Troca Social, Comportamental, Apego, Teoria da Crise e Interacionismo Simbólico. As variáveis fundamentais para definição da qualidade conjugal são: recursos pessoais dos cônjuges, contexto de interação do casal e processos adaptativos. A qualidade conjugal é resultado do processo dinâmico e interativo do casal. Outros estudos associam diferentes conceitos a satisfação conjugal. Dentre eles: bem-estar dos cônjuges e de seus filhos, as respostas fisiológicas dos cônjuges, as características sociodemográficas, a saúde física do casal, a depressão, a psicopatologia, as características de personalidade assim como a combinação dessas variáveis.

Pesquisas mostram que a qualidade do relacionamento conjugal estaria relacionada com o bem-estar do cônjuges e seus filhos (Erel e Burman, 1995; Shek, 1998,2001), as respostas fisiológicas dos cônjuges (Gottman, Coan, Carrere e Swanson, 1998), as variáveis sociodemográficas (Perry-Jenkins, Repetti e Crouter, 2000; Cotton, Burton e Rushing,2003), a saúde física do casal (Burman e Margolin, 1992), à depressão (Beach, Katz, Sooyeon e Brody, 2003; Uebelacker, Courtnage e Whisman, 2003) à psicopatologia (Whisman, 1999), às características de personalidade (Ye, We e Wang, 1999), e a combinação entre essas variáveis (O'Leary e Smith, 1991; Neff e Karney, 2003; Kline e Stafford, 2004) APUD MOSMANN. Apesar de existirem vários estudos sobre esse tema, há uma carência de investigações aprofundadas sobre essa temática. Não existe uma única teoria de sustentação para esse assunto, sendo esta uma lacuna conceitual atribuída pelos estudiosos a subjetividade implícita na avaliação de cada participante sobre o que considera satisfatório em seu casamento.



Autores como Menezes e Lopes (2007) enfatizam que a transição para parentalidade acarreta diminuição da satisfação conjugal. Oriá, Alves e Silva (2004) apresenta a gravidez como uma variável relevante que influencia na qualidade percebida da relação conjugal, na visão da mulher.

Miranda (1987) analisou a inter-relação entre satisfação conjugal e três aspectos considerados relevantes em uma relação diádica: comunicação, semelhança de atitudes e percepção interpessoal. A pesquisa identificou a percepção interpessoal e a autoestima com variáveis importantes para a leitura sobre satisfação conjugal. Tema associado ao ajustamento conjugal, expressão de afeto, a coesão, a proximidade, capacidade de resolução de problemas e habilidades de comunicação.

Bradbury, Fichman e Beach (2000) apresentam dados estatísticos norte-americanos em que mais da metade das primeiras uniões terminam em separação ou divórcio. Outras pesquisas trazem registros de que as uniões seguintes são mais motivadas pela sexualidade e bem estar do casal apesar de incorrerem em um risco ainda maior de divórcio. As uniões consecutivas que são mais satisfatórias que a primeira – família reconstituída.

No que tange à permanência ou fracasso do pacto conjugal, alguns fatores estão relacionados. Na permanência têm-se como fatores possibilitantes os comportamentos assertivos que se baseiam nas trocas afetivas equilibradas e demandas reais e possíveis de serem atendidas pelos parceiros, a atenção direcionada à relação e o equilíbrio do relacionamento conjugal com o relacionamento parental. Já o fracasso do pacto pode ser desencadeados pelo reducionismo da relação para um ato formal e contratual, ou por expectativas irreais o que acaba gerando desilusões e frustrações no casal ou em um dos parceiros e até mesmo por comportamentos disfuncionais nas dinâmicas familiares, tanto com os filhos quanto com os demais familiares, outro fator também relacionado é a perda da individualidade e dos “atrativos” que geraram o encontro do casal.

Não se pode unicamente justificar a durabilidade do casamento pela satisfação dos cônjuges. Comparando-se casais satisfeitos e insatisfeitos foi possível identificar que a satisfação aumenta quando há proximidade, estratégias adequadas de resolução de problemas, coesão, boa habilidade de comunicação. (NORGREN, 2004)



Kaslow e Hammerschmidt (1992) e Spanier e Lewis (1980) *apud* Norgren (2004) diferenciam satisfação conjugal de estabilidade conjugal. Eles argumentam que casamentos estáveis não necessariamente são satisfatórios, alguns se mantêm por outras razões: um ou ambos os cônjuges não aprovam a ideia de divórcio, por razões pessoais ou questões religiosas; podem ter medo da mudança ou solidão; não conseguem lidar com a liberdade e autossuficiência; não querem repartir o patrimônio adquirido ao longo dos anos e por fim, estar casado e fazer parte de uma família pode ser menos ansiógeno do que estar descasado.

A durabilidade de uma relação, de um casamento, não significa que o mesmo seja satisfatório para os cônjuges. Relaciona-se conjugalidade com saúde e qualidade de vida. (Scorsolini-Comin, 2010). Levinger (1965, 1976) *apud* Mosmann, (2006) afirma que o sucesso no casamento relaciona-se com a capacidade dos cônjuges de comparar aspectos satisfatórios como a segurança emocional, a realização sexual e a formação de uma família como questões desafiadoras como problemas financeiros, preconceitos sociais e religiosos. O matrimônio termina quando uma conjunção de fatores combina mais desafios e insatisfações que aspectos satisfatórios, poucos impedimentos para separação e muitas alternativas atrativas fora da relação. Enquanto casais insatisfeitos, mas estáveis são aqueles em que as atrações e aspectos satisfatórios derivados do relacionamento são poucos, mas os obstáculos para a separação muitos. Nessa perspectiva, o declínio da satisfação conjugal e a separação seriam reflexos de incapacidades de superar crises. Em geral casais que enfrentam mais situações estressantes podem ser mais vulneráveis a problemas conjugais se não tiverem a quantidade de recursos necessária à superação e adaptação.

Em alguns relacionamentos é possível identificar problemas na dinâmica interacional do casal, problema muitas vezes identificado por um observador não sendo evidenciado por eles. No casamento nem sempre aquilo que é definido por um como problema é percebido por ambos como tal. Na pesquisa de Garcia (2003) observa-se que 77,6% dos problemas familiares envolvem problemas relacionais da díade, o casal, 54,2% dificuldades com os filhos e 23,4% demais membros da família.

Em pesquisa realizada por Lauer, Lauer e Kerr (1990) *apud* Norgren (2004) com casais de 45 a 60 anos de relacionamento identificaram como variáveis importantes para



satisfação conjugal estar casado com alguém que se valorize como pessoa e aprecie estar junto; compromisso com o cônjuge e com o casamento; senso de humor; consenso sobre vários assuntos, tais como objetivos e projetos de vida, amigos e tomada de decisão. Um sentimento comum nas relações duradouras, relações que tendem a ser mais flexíveis e igualitárias na distribuição de poder. Os cônjuges apresentam senso de pertencimento e envolvimento e parecem ser capazes de lidar com as crises e transições que a vida apresenta, estando mais orientados pelo presente e futuro do que pelos fatos passados da vida. Eles gostam de passar o tempo juntos, de se divertir, são bons amigos e valorizam o aspecto sexual do seu relacionamento.

Tanto casais satisfeitos quanto insatisfeitos, desejam evitar a repetição e o tédio nos seus relacionamentos. Pode-se supor que essa questão prescindia do nível de satisfação conjugal e que evitar a repetição e o tédio seja relevante para relações duradouras, nas quais o convívio pode contribuir para aproximar ou distanciar o casal. (Norgren, et al. 2014)

Casais satisfeitos parecem ser funcionais, tendo conseguido manter fortes laços emocionais com seu cônjuge, transformar a estrutura de poder, papéis e regras de seu relacionamento ao longo da vida conjugal e em face de situações de crise, assim como desenvolver padrões de comunicação adequados (Minuchin, 1990; Olson, 1988 *apud* Norgren et al, 2004) o que é considerado por vários autores como essencial para a satisfação sexual.

O Diadic Adjustment Scale – DAS, instrumento elaborado a partir de conceitos sobre satisfação e ajustamento conjugal e utilizado em mais de 1000 investigações. Uma das dificuldades metodológicas do DAS e que a escala combina processos interacionais (desentendimentos, compartilhar ideias, etc) com resultados (avaliações subjetivas do nível de felicidade do casal). (NORTON, 1983 *apud* MOSMANN, 2006)

O ajustamento conjugal possibilita que casais revejam estratégias de resolução de conflito e formas de comunicação que influenciam no padrão de cuidado dos filhos e na qualidade da relação entre os genitores e seus filhos. Ou seja, relações satisfatórias ao serem comparadas com relações insatisfatórias proporcionam maior suporte entre os



cônjuges e este apoio emocional favorece o desenvolvimento saudável dos filhos. (DESSEN E BRAZ, 2005)

Os autores acima citados destacam que uma das consequências das relações conjugais insatisfatórias, o divórcio e a separação do casal, incluem o aumento o risco de um dos cônjuges apresentarem psicopatologias, e se envolverem em acidentes automobilísticos, incidência de doenças físicas, cometerem suicídio, homicídio ou outros atos de violência, de mortalidade em função de outras doenças em geral, dentre outras questões.

Wagner e Falcke (2001) destacam que dificilmente um casal poderá estabelecer uma relação afetiva e sexualmente feliz se não tiver conseguido uma boa independização dos pais, consolidado nos primeiros anos de relacionamento conjugal. FALAR SOBRE DIFERENCIAÇÃO E FASES DO CICLO DE VIDA DO CASAL. As autoras referem que é fundamental a existência de tolerância e respeito pela família do outro. A atitude madura é caracterizada pela capacidade de evitar que as famílias de ambos os cônjuges entrem em conflito, preservando o bom relacionamento entre ambas.

Perlin (2005) afirma que a satisfação conjugal é afetada também por fatores do meio ambiente, tais como: o sexo, o grau de escolaridade, o numero de filhos e a presença, ou não, deles dentro de casa, o nível socioeconômico e o tempo de casamento.

Conceituar cientificamente o que seria um casamento satisfatório tem se mostrado uma difícil tarefa uma vez que os estudos nacionais e internacionais identificam uma série de fatores associados ao conceito de satisfação conjugal. (SCORSOLINI-COMIN, 2010)

2.3 PAPÉIS NA CONJUGALIDADE

Os papéis de gênero masculino e feminino percorreram uma trajetória de mudanças justificadas por eventos políticos e históricos presentes no desenvolvimento das sociedades. O patriarcado, organização social onde o poder masculino era valorizado. Para Therborn (2006) o conceito de patriarcado é limitado às ligações familiares, principalmente ao poder do pai, o que afastaria do debate sobre o gênero, o qual, segundo feministas, indica construções sociais do ser homem e do ser mulher e as



relações entre os sexos e sobre os sexos em várias instituições. HART (2005) apud CASTRO (2009)

O patriarcado tem duas dimensões intrínsecas básicas: a dominação do pai e a dominação do marido, nessa ordem. O patriarcado refere-se a s relações familiares, de geração ou conjugais – as relações de geração e de gênero. O núcleo de poder patriarcal consistiu, acima de tudo, no poder do pai sobre a filha e do marido sobre a mulher. A relação entre marido e mulher envolvia a presença ou ausência da assimetria sexual institucionalizada, as regras diferenciais para o adultério; a hierarquia de poder marital, expressa pelas normas de chefia marital e de representação familiar, ou seja, o dever de obediência da mulher e o controle do marido sobre sua mobilidade, suas decisões e seu trabalho. (THERBORN,2006)

O patriarcado, nesse sentido geral de poder assimétrico e masculino do parentesco, tem diversas variantes de organização: descendência, padrões matrimoniais, nomenclatura de parentesco. Muitas mudanças sociais e legais contribuíram para o enfraquecimento do patriarcado dentre elas a industrialização que desafia o patriarcado e qualquer arranjo familiar existente, principalmente pela separação em grande escala entre o lugar de trabalho e a residência, enfraquecendo desse modo o controle paterno. (THERBORN, 2006)

A participação da mulher no mercado de trabalho, o uso de contraceptivos, atribuindo a mulher o domínio sobre o seu próprio corpo e principalmente a decisão sobre o momento da maternidade levando-se em consideração a maturidade e ciclo de vida familiar são reflexos do enfraquecimento do modelo patriarcal.

O controle comunista da Europa Oriental também envolveu uma imediata e radical legislação antipatriarcal de família, enfatizando a igualdade de gênero, a livre escolha do casamento, a secularização do casamento e o direito da mulher trabalhar fora de casa. (THERBORN, 2006, p.115)

O colapso histórico da autoridade patriarcal ocasionou mudanças significativas nas organizações e relações sociais, sendo representada, segundo Therborn (2006) como uma retração do poder masculino refletindo na queda das taxas de natalidade, principalmente em países em desenvolvimento, crescimento do número de pessoas



vivendo sozinha, elevação da faixa etária para o casamento, aumento da escolaridade das mulheres, entre outros indicadores. (CASTRO, 2009)

Um longo caminho foi percorrido ao nos deslocarmos de uma organização conjugal de base patriarcal para uma nos moldes contemporâneos onde homens e mulheres dividem tarefas e responsabilidades.

A leitura sobre o modelo de sociedade e relacionamento modernos de Bauman e Lipovetsky leva à reflexão sobre como homens e mulheres estão revendo os seus papéis tanto na parentalidade quanto na conjugalidade.

Bauman (2004) descreve que no *Líquido Mundo Moderno* os indivíduos vivem a dicotomia do desejo de se relacionarem e a desconfiança por estarem ligados a alguém permanentemente, fortalecendo, com isso, a ideia de que o compromisso a longo prazo funciona como uma armadilha a ser evitada. O relacionamento humano é apresentado como o mais (im)perfeito produto oferecido pelo mercado.

Bauman (2004) compara o relacionamento moderno à lógica das *Ações Financeiras*: mantidas, enquanto o valor cresce; vendidas, quando o lucro cai ou no surgimento de investimentos mais promissores. Nessa perspectiva, os filhos, que em época anterior representavam uma ponte para algo duradouro passaram a ser uma escolha e até mesmo desejo de consumo. Os pais poderão montar seus filhos de acordo com a conta bancária de cada um. O sexo sem reprodução tornou-se o sexo em si, liberto de suas consequências e responsabilidades. O sexo para consumo não se caracteriza pelo acúmulo, mas pelo uso e descarte. Desta forma há uma troca da qualidade pela quantidade, a longa duração é trocada pela fugacidade, a realidade pela virtualidade.

Bauman (2004) apresenta os relacionamentos, de forma geral, onde os indivíduos são tratados como mercadoria, produtos e até mesmo objetos que podem ser substituídos a qualquer momento porém não há garantia de que gostem do novo produto e da nova relação. O consumo exacerbado de produtos devido às ausências e vazios existenciais chegam a gerar a mesma compulsão por consumir relacionamentos como se fossem objetos de compra monetária como os automóveis, computadores em bons estados e em bom funcionamento. Os afetos não são mais valorizados, uma vez que não podem ser comprados. Assim os afetos são dispensados e nos contentamos ligeiramente



com os relacionamentos de bolso, fragilizados e desumanos, do tipo que podem usar e dispor quando for necessário e depois tornar a guardar para utilização em outro momento.

Bauman (2004) e Lipovetsky (1989) apresentam um quadro de fantasia de liberdade. Dentro dessa proposta individualista da sociedade moderna movida pelo capitalismo e consumo o indivíduo acaba se tornado servo do poder e da mídia determinam as ordens de consumo.

Nesse sentido, constatamos o enfraquecimento da sociedade, dos costumes, do indivíduo contemporâneo na era do consumo em massa, enquanto os estímulos da sociedade se baseiam na informação e na incitação das necessidades. O que aparece é menos controle e mais flexibilidade nas relações humanas. No lugar do indivíduo submetido às regras sociais, há um apelo desenfreado ao “direito de ser ele mesmo” em detrimento das relações com o outro e com a sociedade. Na sociedade pós-moderna, os indivíduos querem viver o momento atual, “o aqui e agora”, querem se conservar jovens e não pensam mais em forjar um novo homem. O que se traduz por Modernidade voltada para o aumento do individualismo, diversificando as opções de escolha. Os desejos individuais passam a ter mais valor do que os desejos e interesses de classe, fazendo com que se enfraqueça a perspectiva de movimentos sociais e vida coletiva. (LIPOVETSKY, 1989)

O movimento da sociedade moderna ou pós-moderna se direciona para um isolamento do ser social e valorização do ser individual. Dentro desse processo de busca pelo individualismo as pessoas acreditam que ao realizarem uma escolha se tornam diferentes dos demais quando na verdade fazem uma escolha teleguiadas e orientadas pela ordem de consumo, movidas por um processo de sedução em que ao ter mais opções o indivíduo escolhe melhor. (LIPOVETSKY, 1989)

Monteiro (2001) e Andolfi (2002), afirmam que o modelo de casal mais atual é o casal de dupla carreira. Ambos têm um envolvimento profundo com suas vidas profissionais, preservando o desejo de manutenção de uma vida afetiva a dois. As distribuições das tarefas da casa, bem como os cuidados dispensados aos filhos, são mais compartilhadas entre os homens e as mulheres. Essa diferença reside no fato da



divisão de trabalho em relação às funções familiares serem distribuídas entre os parceiros com base na igualdade de status, e não no sexo dos cônjuges.

Idealmente, homens e mulheres começam relacionamentos com bases igualitárias. Contudo, as pressões sociais os deixam psicologicamente despreparados para enfrentar as críticas que os acompanham quando se atrevem a assumir mudanças em direção a distribuições de tarefas mais equilibradamente (MONTEIRO, 2001).

A vida do casal de dupla carreira significa, além das tarefas e responsabilidades, a administração de múltiplos papéis sociais, diferenciados entre si e modificados pelas inovações produzidas pela própria interação entre os cônjuges. O processo de revisão dos papéis afeta tanto as mulheres, ao contarem com maior participação do homem nas tarefas do lar, quanto os homens, por terem de se adaptar às múltiplas demandas de funções desempenhadas pelas mulheres. (Zedeck e Mosier, 1990 *apud* Monteiro, 2001). Segundo Fleck e Wagner (2003), existe uma associação entre poder e dinheiro e, muitas vezes, isto aparece de forma camuflada.

De acordo com Lipovsky (1997), enquanto nos homens o projeto profissional está sempre em primeiro lugar relativamente ao projeto de paternidade, nas jovens mulheres, ele é frequentemente formulado, integrando os futuros condicionantes da maternidade. Para os homens, segundo Lamela (2009) a interrupção da vida conjugal é enfrentada com maior naturalidade enquanto que para as mulheres é acompanhada de conflitos e interrogações, de uma procura de conciliação que é, frequentemente, fonte de culpabilidade e de insatisfação.

Mesmo nos lares modernos, em que os homens participam ativamente das atividades domésticas, tanto as fricções conjugais como a insatisfação das mulheres continuam a existir (Lipovsky, 1997). Bozon (2003) afirma que o crescimento da satisfação feminina é, sem dúvida, devido a sua posição mais ativa nos relacionamentos amorosos. Assim, a crescente autonomia das mulheres no casal pode se manifestar como uma exigência maior em relação ao parceiro, na medida em que se tornou possível interromper uma relação não satisfatória.



2.4 CONJUGALIDADE E SEXO

Na idade média, as mulheres europeias eram propriedade de seus maridos ou pais. A desigualdade entre homens e mulheres se estendia à vida sexual. O duplo padrão sexual estava diretamente ligado à necessidade de assegurar continuidade na linhagem e na herança. Durante a maior parte da história, os homens fizeram um amplo uso, e, por vezes, bastante ostensivo, de amantes, cortesãs e prostitutas. Os mais ricos tinham aventuras amorosas com servas. Mas com relação a suas esposas, eles precisavam ter a certeza de que eram os pais de seus filhos. O que era exaltado nas moças respeitáveis era a virgindade e, nas esposas, constância e fidelidade (GIDDENS, 2000).

Enquanto homens e mulheres assumem uma posição cada vez mais simétrica no mundo do trabalho, já que as mulheres fazem, cada vez mais, trabalhos “de homem”, devem ainda ocorrer mudanças recíprocas dos maridos em casa, mesmo porque essa área sempre foi culturalmente desvalorizada (ANDOLFI, 2002).

Para Gomes e Paiva (2003), na medida em que o homem perde sua condição de provedor da família e este lugar é ocupado pela mulher, ocorre uma expressão de tensão e conflito conjugal, gerando fragilidades na relação.

Os maridos raramente escolhem ficar em casa por mais tempo, uma vez que a identidade masculina e o seu valor são medidos em termos de sucesso no trabalho. Os homens são educados para definir-se a si mesmos em termos de rendimento do seu trabalho (imperativo este que algumas vezes intervêm até mesmo em casos de disfunções sexuais, quando a preocupação com o rendimento interfere com a intimidade sexual) (ANDOLFI, 2002).

Segundo Bozon (2003), a sexualidade que antes era um dos atributos do papel social do indivíduo casado, tornou-se uma experiência interpessoal indispensável à existência da união.

De acordo com Lipovsky (1997), está ocorrendo o processo de feminização do homem e de virilização da mulher. Bozon (2003) relata mudanças nos comportamentos sexuais de homens e mulheres. Algumas mulheres têm tido experiências sexuais antes do casamento, como também um aumento do número de parceiros sexuais ao longo do



ano. A vida sexual feminina esta mais longa, uma vez que elas têm iniciado mais cedo, além do mais, a menopausa deixou de sinalizar o fim da vida sexual.

Os homens cada vez mais vêm iniciando a sua vida sexual com “namoradinhas” da mesma idade, ao invés de com garotas de programa como era anteriormente. Os rapazes alcançam uma experiência relacional apenas no final de alguns anos de sexualidade de experimentação. Para eles, desde o início de sua vida sexual adulta, a sexualidade é uma maneira de ganhar segurança e confiança em si mesmos, enquanto que para boa parte das mulheres ela é simplesmente parte integrante de relacionamentos que elas querem duradouros.

Em um cenário onde se prega que a sexualidade de efetiva pela atração entre os opostos, a construção da masculinidade é marcada por pontos de insegurança traduzidos principalmente pelo medo da homossexualidade e da impotência.

Beavers (1986) apud Andolfi (2002) destacou que os casais bem-sucedidos (tradicionais) conseguem manter uma complementaridade diante das obrigações e, ao mesmo tempo, um sentido de igualdade e liderança partilhada. Ao contrário, as famílias disfuncionais são caracterizadas por um desequilíbrio de poder no casal: quanto maior é a posição de dominância e de autoridade de um sobre o outro, mais disfuncional e insatisfatório é o casamento.

Luz (1999) afirma que a sexualidade de um casal pode ser a causa de felicidade ou infelicidade, seja ela pessoal ou matrimonial. É tema constante na terapia de casal, esteja ele explícito ou não no processo terapêutico. Com isso, depara-se com uma quantidade de casais que convivem com disfunções ou insatisfações sexuais. Sabe-se que o sexo é um dos fatores importantes de um casamento, porém, ele se eleva a ser considerado o fator primordial quando um dos parceiros ou ambos o considera insatisfatório. É ilusório acreditar que o fato de viver junto conduza os cônjuges a criar um universo comum de sexualidade. (Boson, 2003)

Para Luna et al. (2006), a disfunção sexual é a falta persistente de resposta sexual humana que afeta a um ou ambos os membros do casal. As dificuldades na vida sexual e amorosa, em qualquer uma das formas, acentuam conflitos e temores. Caso o indivíduo não consiga administrar seus impulsos, estará a mercê daqueles que exercem algum tipo de poder.



Andolfi e Angelo (1988) afirmam que em qualquer relação são estabelecidos mitos, pois sempre há uma margem de ambiguidade de algo não expresso. Essas lacunas de informação são preenchidas, então, por meio da criação de estereótipos de comportamentos específicos, visando à manutenção do vínculo. A quebra de mitos e regras se forem considerados expressões de uma estrutura, poderá ter sérias consequências, dentre elas, a ruptura da relação de lealdade construída em torno deles. Essa rigidez inerente gera dificuldade para realizar qualquer processo de mudança, inclusive no processo terapêutico. A satisfação é individual e é essa individualidade que estabelece os limites a serem alcançados.

Cuschnir (2000) apud Nogueira (2003), em entrevista a revista *Veja*, afirma que “o homem é o sexo frágil e está obcecado pelo trabalho e assustado com a obrigação de dar prazer a mulher”. Para o autor, os homens estão atordoados com a “revoada feminina” tornando-os infelizes, vulneráveis, pois sentem o seu papel masculino como desprovido de valor, talvez até, em última instância, falido.

Segundo Gomes e Paiva (2003) o homem se torna frágil perante uma sociedade competitiva e estressante, na qual vai se tornando mais difícil desempenhar o papel de provedor da família, e tendo que disputar com a mulher o espaço público, até então de domínio absoluto seu. A mulher, por sua vez, entra em sérios conflitos na escolha entre maternidade e/ou ascensão profissional, o que permite hoje o estabelecimento de casamentos sem filhos por opção pessoal.

“A sexualidade masculina tende a expressar mais inquietações do que a feminina porque os homens separam a sua atividade sexual das outras atividades da vida, onde são capazes de encontrar um direcionamento estável e integral.” (GOMES, 2003)

As modificações das condições de existência das mulheres, o expressivo desenvolvimento de uma contracepção eficaz e controlada por elas, a elevação maciça de seu nível de instrução e a progressiva generalização do trabalho assalariado aumentaram, consideravelmente, a sua autonomia social em relação aos homens. Atualmente, grande parte dos relacionamentos é formada por casais de dupla carreira, onde supostamente as tarefas e funções deveriam ser melhor distribuídas, compartilhadas e equilibradas. Esse processo de revisão de papéis, como nomeia Monteiro (2001), tem afetado tanto os homens quanto as mulheres, na medida em que



as mulheres contam com a participação dos homens nas tarefas domésticas enquanto os homens se adaptam as múltiplas demandas profissionais das mulheres.

A crescente autonomia feminina dentro da relação conjugal muitas vezes é entendida pelo parceiro como uma exigência. As mulheres, ao definirem e expressarem melhor o que querem e esperam de uma relação, fazem com que o homem, muitas vezes, se sinta ameaçado na sua condição de provedor e “macho alfa”. Daí surgirem demandas relacionadas ao poder de cada gênero dentro dos novos modelos de relacionamentos. Certamente que o domínio masculino perde espaço para uma horizontalidade dos parceiros na relação, relativizando os deveres de cada um para a conquista de um prazer desfrutado por ambos.

Segundo Beavers (1986) apud Andolfi (2002), os casais disfuncionais são caracterizados por um desequilíbrio de poder na relação e, por essa razão, muitas vezes são levados a buscar uma ajuda terapêutica. Tais diferenças acabam sendo muito discutidas e trabalhadas pelos cônjuges com o intuito de tornar a relação mais harmônica e equilibrada.

Nesse sentido, as intervenções terapêuticas visam instrumentalizar homens e mulheres no desafiador exercício de se manterem leais ao gênero a que pertencem, dentro de um relacionamento constituído na contemporaneidade, com todos os contornos por ela expressos. Homens e mulheres precisam garantir uma complementariedade salutar concomitante às suas realizações pessoais.

2.5 SATISFAÇÃO SEXUAL

O indivíduo tem a capacidade de integrar a vida sexual com os relacionamentos não sexuais e com as expectativas de vida. As pessoas além de possuírem uma identidade sexual distinta e um corpo que as leva do desejo ao orgasmo também refletem sobre o conforto e a facilidade com os quais conduzem as suas vidas sexuais e o comportamento sexual dos companheiros. (LEVINE, 1992,1998 *apud* PECHORRO, 2006)

Diante da diversidade de comportamento e expressões sexuais podemos encontrar pessoas que estão insatisfeitas com sua vida sexual mesmo não tendo qualquer disfunção sexual, talvez por não gostar mais do companheiro ou porque



sentem um esfriamento na relação sexual. Existem também aquelas pessoas que estão satisfeitas com vidas sexuais disfuncionais, talvez porque não saibam que a sexualidade pode funcionar melhor ou porque dão mais importância a outros fatores na sua vida. A avaliação da sexualidade humana esta longe de retratar inteiramente a vida sexual dado estar carregada de simbolismos individuais. (Pechorro,2006)

Pechorro (2006) em seu trabalho apresenta conceitos sobre satisfação sexual segundo diversos autores. A satisfação sexual para Davis & Petretic-Jackson (2000) é o fator psicológico que mais tem sido avaliado na área das disfunções sexuais. DeLamater (1991) propõe a definição da satisfação sexual com um grau no qual a atividades sexual de uma pessoa corresponde as suas expectativas. Davidson, Darling e Norton (1993) consideram que o sentimento de satisfação sexual está relacionado com experiências sexuais passadas do indivíduo, expectativas atuais e aspirações futuras. Para Pinney, Gerrard e Denney (1991) a satisfação tem um componente pessoal e um componente interpessoal. Inclui a satisfação com a frequência e forma da prática sexual e satisfação com o relacionamento com a parceria conjugal.

Em geral, a satisfação sexual tem sido relacionada com satisfação conjugal. Os homens e as mulheres que relatam estar satisfeitos com os seus relacionamentos sexuais também relatam estar satisfeitos com seus relacionamentos maritais. (DeLamater, 1991 *apud* Pechorro, 2006)

Existem diferenças significativas entre homens e mulheres. O casal normalmente desenvolve um guia sexual, definido como uma sequência de comportamentos específicos que usualmente levam ao coito. Uma vez criado, o guia tende a ser seguido cada vez que o casal mantém uma atividade sexual. Para as mulheres a qualidade emocional das interações sexuais parece ser a influência mais importante nas suas avaliações do relacionamento sexual, indicando que as mulheres que estão insatisfeitas querem mais amor, afeição e carinho, para os homens a quantidade da atividade sexual é o mais importante, dado que os homens que se declaram insatisfeitos querem mais frequência e variedade de atividades sexuais.

Bancroff, Loftus e Long (2003) *apud* Pechorro (2006) evidenciaram que a falta de bem estar emocional e os sentimentos emocionalmente negativos durante a atividade



sexual com o companheiro eram determinantes mais importantes do mal estar sexual que os aspectos fisiológicos da resposta sexual feminina.

Frank, Anderson e Rubinstein (1978) *apud* Pechorro (2006) a partir de uma amostra não representativa de 100 casais americanos analisaram a relação entre a satisfação sexual e a existência de problemas sexuais. Sobre as mulheres pode-se concluir que quanto mais disfunções e dificuldades afirmavam ter seus maridos, mais sexualmente insatisfeitas estavam, no caso dos homens não atingiu resultados significativos.

DeLamater (1991) *apud* Pechorro (2006) encontraram uma associação entre a insatisfação sexual e um aumento de incidência das disfunções sexuais, evidenciando que os casais com disfunção sexual tinham uma maior probabilidade de relatar insatisfação a sua interação sexual que o casais normais. Laumane, Paik e Rosen (1999) *apud* Pechorro (2006), num trabalho sobre os preditores de disfunção sexual nos Estados Unidos, demonstraram uma forte associação entre disfunção sexual e a insatisfação emocional e física, demonstrando que o desejo sexual hipoativo, a perturbação da excitação nas mulheres e a disfunção erétil eram os quadros clínicos mais fortemente relacionados com insatisfação.

Pechorro (2006) em seu trabalho faz uma correlação entre satisfação e maior frequência sexual, foi demonstrado que a insatisfação sexual tende a ser mais alta quando os sujeitos consideravam ter eles próprios problemas sexuais e a ser ainda mais alta quando pensavam que o companheiro tinha um problema sexual.

Hisasue et. al (2005) *apud* Pechorro (2006) numa investigação com 5042 mulheres japonesas dos 17 aos 88 anos encontraram correlação entre satisfação sexual e preliminares, orgasmos e frequência de atividade sexual. A capacidade erétil do companheiro não contribuía para a satisfação sexual da mulher, apesar de contribuir para a frequência sexual, e salientam a importância das preliminares para essa satisfação sexual. Os resultados obtidos por Hulbert et. al. *Apud* Hisasue et. al. (2005) *apud* Pechorro (2006) que demonstraram que 58,2% das mulheres consideravam as preliminares como o componente mais satisfatório do sexo com o companheiro, e apenas 11,2% consideravam o coito como o componente mais satisfatório.



A satisfação sexual tem demonstrado ser um constructo semelhante para homens e mulheres caracterizado por sentimentos positivos e não se define pela ausência de problemas ou sofrimento. Os fatores relacionais, em geral, a intimidade emocional é centrais para satisfação sexual conjugal. O olhar sobre o relacionamento oferece importantes estratégias para intervenção terapêutica. O olhar sobre esta questão tem sido pouco estudado no universo masculino. (PASCOAL, 2012)

3. METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa exploratória, mediante revisão de literatura. Trata-se ainda de uma pesquisa qualitativa, submetida ao CEP, em atenção à resolução 466/2013 que regulamenta a pesquisa com seres humanos e orienta os itens apresentados no termo de consentimento livre e esclarecido (APENDICE A).

3.1 Participantes

Visando alcançar os aspectos da pesquisa pretende-se selecionar 5 (cinco) casais heterossexuais que tenham procurado psicoterapia sexual com queixa de insatisfação devido a disfunção erétil e/ou ejaculação rápida.

Os participantes serão selecionados com base nos seguintes critérios de inclusão: casal heterossexual; possuir queixa de insatisfação sexual com disfunção masculina; possuir dez anos de relacionamento; possuir filhos; nível socioeducacional médio. Os critérios de exclusão são: casais recentes (com menos de dez anos de relação), sem dificuldades sexuais, sem filhos e com nível socioeconômico baixo. Pretende-se acessar estes sujeitos através dos contatos oferecidos pelos mesmos durante o primeiro atendimento para tratamento psicológico. Celular, email e os que ainda permanecem em acompanhamento psicoterapêutico, o informe presencial sobre o formato da pesquisa e seus objetivos.



3.2 Instrumentos de coleta de dados

Os dados serão acessados principalmente mediante entrevistas em profundidade (apêndice B), realizadas com cada cônjuge separadamente no mesmo dia. Cada participante responderá de forma independente às perguntas selecionadas pelo pesquisador. A entrevista individual tem o intuito de assegurar que os cônjuges não tenham prévio acesso às respostas do seu parceiro (a) e sobre o conteúdo da entrevista.

Pretende-se aplicar o mesmo instrumento ao casal. A entrevista em profundidade tem base nas perguntas disparadoras investigar a história do relacionamento do casal (namoro, noivado e casamento) incluindo as mudanças que ocorreram durante este processo de amadurecimento da relação. Pesquisar o sentimento desses participantes sobre o relacionamento compondo o temário com assuntos como: sexualidade – vida conjugal; satisfação sexual; influência da família de origem; filhos; trabalho; traição. Estes temas serão abordados de forma aberta sendo possível ao longo da entrevista acrescentar mais perguntas com o intuito de esclarecer possíveis dúvidas sobre os pontos da entrevista.

3.3. Procedimentos

Após a identificação dos participantes em potencial da pesquisa, eles serão contatados e orientados quanto aos objetivos e forma como a entrevista será realizada. Após obter anuência de ambos os cônjuges, serão agendados horários consecutivos para cada cônjuge. A entrevista em profundidade requer formação de vínculo com o entrevistador, o que representa um desafio para esta investigação, uma vez que se presume que os cônjuges dialoguem acerca do conteúdo, caso a entrevista não aconteça de forma concomitante ou consecutiva com ambos. A entrevista é definida por Haguette (1997:86) apud Boni e Quaresma (2005) como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

Diante da relevância do tema abordado, e da prática profissional esta pesquisa visa contribuir para futuros trabalho e publicações. Como etapas do trabalho a pesquisadora realizará uma minuciosa análise bibliográfica para contextualizar o



universo pesquisado, selecionar os sujeitos de pesquisa de modo criterioso pertencente ao seu universo laboral.

3.4 Análise de dados

TULL (1976, p 323) afirma que "um estudo de caso refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular" e BONOMA (1985, p. 203) coloca que o "estudo de caso é uma descrição de uma situação gerencial".

YIN (1989, p. 23) afirma que "o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas". Esta definição, apresentada como uma "definição mais técnica" por YIN (1989, p. 23), nos ajuda, segundo ele, a compreender e distinguir o método do estudo de caso de outras estratégias de pesquisa como o método histórico e a entrevista em profundidade, o método experimental e o *survey*.

Ao comparar o Método do Estudo de Caso com outros métodos, YIN (1989) afirma que para se definir o método a ser usado é preciso analisar as questões que são colocadas pela investigação. De modo específico, este método é adequado para responder às questões "como" e "porque" que são questões explicativas e tratam de relações operacionais que ocorrem ao longo do tempo mais do que frequências ou incidências.

O Estudo de Caso se caracteriza pela "... capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações." (YIN, 1989, p. 19)

REFERÊNCIAS

- ABDO, C. *Sexualidade Humana e seus Transtornos* / Carmita Abdo – 2.ed. ver. e ampl – São Paulo: Lemos-Editorial, 2000.
- _____. *Descobrimto sexual do Brasil: para curiosos e estudiosos* / Carmita Abdo – São Paulo: Summus, 2004.
- _____. *Estudo da Vida Sexual do Brasileiro (EVSB)*. São Paulo. Editora Bregantini, 2004.



ANDOLFI, M. *A crise do casal: uma perspectiva sistêmica-relacional* / Organizado por Maurizio Aldolfi; trad. Lauro Kahl e Giovanni Menegoz – Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.
BAUMAN, Z. *Amor Líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BONI, Valdete e QUARESMA, Silvia Jurema. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julh, p. 68-80, 2005.

BOZON, M. *Sexualidade e conjugalidade*. A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. Cad. Pagu, nº 20, Campinas, 2003.

CASTRO, Mary Garcia. Debates sobre gênero e patriarcado em construção de Therborn. *Família, população, sexo e poder: entre saberes e polêmicas* / José Euclimar Xavier de Menezes, Mary Garcia Castro, (orgs.) – São Paulo: Paulinas, 2009.

CIGOLI, V. E SCABINI, E. Construcción Del ideal de pareja y procesos de reconciliación. In: GONZÁLEZ, Maria Isabel. El cuidado de los vínculos. Mediación familiar y comunitaria. Facultad de Medicina. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2007.

DELA COLETA, Maria Ferreira. *Locus de controle e satisfação conjugal*. Psicologia, Teoria e Pesquisa, vol.8, nº2, 1992.

DEL PRIORE, M. *Histórias íntimas/ Mary Del Priore: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. *Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos*. Psicologia: Teoria e Pesquisa vol.16, nº3, 2005.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*. Vol. 11; n. 2, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T; DINIZ NETO, O. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. Paidéia (Ribeirão Preto), Ago 2010, vol.20, no.46, p.269-278.

FLECK, A. e WAGNER, A. (2003) *A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar*. Psicologia em Estudo, Maringá, vol.8, num. esp., p. 31 – 38.

FOUCALT, M. I. *História da sexualidade I: A vontade de saber*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

_____. *História da sexualidade 3: o cuidado de si*; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

FUKS, S. *A Intimidade nas Relações de Casal*. Desafios para Criação de Mundos Singulares na Pós-modernidade. Pensando Famílias/ Domus Centro de Terapia de Casal e família – Vol.1, n 1 (1999). Porto Alegre: Domus, 11-30, 1999.

GAGNON, John H. *Uma Interpretação do Desejo. Ensaio sobre o Estudo da Sexualidade*. Garamond, Rio de Janeiro, 2006

GARCIA, Maria Lúcia Teixeira; TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. Problemas no casamento: uma análise qualitativa. Estudos de Psicologia, 8 (1), 127-133, 2003.

GIDDENS, A. *O mundo em descontrolado : o que a globalização está fazendo de nós*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record. Família. p. 61-75, 2000.

GOMES, I. e PAIVA, M. *Casamento e família no sec. XXI: possibilidade de Holding?* Psicologia em Estudo, Maringá, vol. 8, num. esp., p. 3 – 9, 2003.

GOMES, ROMEU. Sexualidade masculina e saúde do homem; proposta para uma discussão. Ciência & Saúde Coletiva, 8(3), 825-829, 2003.

LAMELA, D. *Desenvolvimento após o divórcio como estratégia de crescimento humano*. Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Hum. 2009; 19(1): 114-121, 2009.



LIPOVETSKY, G. *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.

_____. *A terceira mulher – Permanência e Revolução do Feminino*; tradução de Maria João batalha Reis. Instituto Piaget, 303p, 1997.

LUZ, G. *Vaginismo – Quando o casal sobrevive? Pensando Famílias/ Domus Centro de Terapia de Casal e família – Vol.1, n 1 (1999)*. Porto Alegre: Domus, 31-43, 1999.

MIRANDA, Erice da Silva. Satisfação conjugal e aspectos relacionados: a influência da comunicação, da semelhança de atitudes e da percepção interpessoal. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39, 1987.

MONTEIRO, A. *Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira*. *Psicol. cienc. prof.* v. 21, nº 3, Brasília, set.(2001).

MOSMANN, Clarisse; WAGNER, Adriana; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paideia*, 16, 2006.

NICHOLSON, L. *Interpretando o gênero*. *Estudos feministas*, vol.8, nº2, 2000.

NOGUEIRA, T. *Mudanças no relacionamento afetivo-sexual / Tânia Glória Nogueira – São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: Fumec, 118p, 2003.*

NORGREN, Maria de Betânia Paes; SOUZA, Rosane Mantilla de; KASLOW, Florence; HAMMERSHMIDT, Helga; SHARLIN, Shlomo A.. Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de psicologia (Natal) vol.9 nº3 Natal Sep/Dec. 2004*

PECHORRO, Pedro Fernandes dos Santos. *Funcionamento sexual e ciclo de vida em mulheres portuguesas*. Orientador: Profº Doutor Antônio Diniz. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2006.

PEREL, E. *Sexo no cativo / Esther Perel*; tradução Adalgisa Campos da Silva – Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

PERLIN, Giovana Dal Bianco. *Casamentos contemporâneos: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, 2006

RICHARDSON, Roberto Jarry e col. *Pesquisa social. Métodos e Técnicas*. São Paulo: Atlas, 2009 (3ª Ed.) – páginas 15-55.

SCOTT, J. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Trad. SOS: Corpo e Cidadania, mimeo, 1995.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. Satisfação conjugal: revisão integrativa da literatura científica nacional. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, vol. 26, nº3, Brasília, jul./set., 2010.

THERBORN, G. *Sexo e poder: a família no mundo, 1900 – 2000/ Goran Therborn*; tradução Elisabete Doria Bilac – São Paulo: Contexto, 2006.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos / Robert K. Yin*; Trad. Ana Thorell; revisão técnica Cláudio Damacena – 4ª Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2010.